

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## Carta a Malheiro Dias sobre a "Exhortação á Mocidade"

*Meu querido Carlos*

Li que fôste a Coimbra, no intuito de fazeres uma *Exhortação á Mocidade*, pois assim se chamava a tua conferencia.

Algumas bombas — as sasonadas fructas da arvore da liberdade nacional — impediram tuas frases, como se com tão lindos dizeres quizesse desencaminhar os rapazes, levá-los a um retorno ao tempo de D. Diniz, que, apesar de sabio e poeta, não dava direito aos futricas de pôrem bôca nem no mais misero carapau de gato, em locanda de escolares. Para defesa da promiscuidade de hoje, moveram-se os da republica de estado contra ti, grande da republica das letras, já se vê que por odio ao que não seja da estofa de seus pensamentos, fingindo-se convencidos do reacionarismo do autor dos *Teles de Albergaria*. Não é, porém, deles, dos elementos igualitarios, rasadores e bitoleiros das ideias por suas medidas, que quero falar-te, é da mocidade, á qual tu ías exhortar e se portou no lance como se estivesse em férias.

Diariamente me afirmam que a Universidade está cheia de conservadores, que dominam nas aulas, nas associações academicas, nos saraus e tunas, os estudantes contrarios aos dispauterios do regimen. Não ías, decerto, dirigir-te apenas a estes mas a todos, a essa fronde viçosa, que se chama a Mocidade, e é louca, e é generosa, e é ousada, impetuosa, irreflectida, mas guarda em seus movimentos o instincto da justiça. Pois bem, como se Coimbra fôsse uma crypta e essa juventude repousasse em suas jazidas, não soûu sinal de seus passos. Apenas se ouviu o estampido das bombas; não ecoou o ruido do protesto, e eu pergunto a mim proprio, num pasmo e numa duvida, se, na realidade, ainda passam

a Porta Ferrea, tumultuam nas Gerais, ocupam as bancadas diante das catedras autenticos rapazes ou se uma teoria de duendes, arrastando lutos em suas capas escovadinhas, povôa aquele ambito sem o alarmar, como outrora, como sempre, pois que as vozes moças coimbrãs levantaram-se, em berros audaciosos, desde os tempos de Viriato Tragico e do proprio rei lavrador.

Dizer mocidade é evocar a vida, a ardencia, o desdem pelas bréchas na cabeça e das respectivas consequencias; lembrar os novos — os dos cabelos sem fios brancos — é pensar em bandos turbulentos, capazes de demolir um mundo, por causa de uma maravalha. E quando esta é a ideia que eu faço da mocidade, porque toda a vida a vi assim, intermerata, viva, desafiante, lamento que não possa continuar a senti-la do mesmo modo na cova do seu silencio, ante a detonação daquelas bombas avisadoras de que a meia duzia de jacobinos do burgo não permitia, a uma autentica gloria do seu paiz, erguer a voz honrada, alim de exhortar a mocidade.

Que estes não desejassem a tua palavra sã, ductil, nobre e eloquente, a ensinar aos rapazes o caminho do dever, a fé, a constancia no sentir, o brio, a belesa moral, compreende-se, mas que aqueles a quem te dirigias não tivessem feito tudo para te ouvir, isso é — volto a dizer-te — incompreensivel aos meus olhos, hoje, mais do que nunca, a verem os homens e os factos na sua verdade apenas e a aponta-los conforme suas acções.

Desceu-se muito na sociedade nacional. Um egoismo feroz prepondera. Entra-se na luta com propositos enganadores; sái-se ao campo com manhas e ardís. Ninguem combate a peito descoberto, e aquela gentileza no repto — que era o gesto da beleza antes do passo da bravura — perdeu-se na hora em que já se escarra numa face portuguesa e a mão do vilipendiado se levanta apenas para limpar a desprezivel espectoração. Um unico fim agita os homens — quero falar da grande maioria da ceva — a ganhuça. Pelo dinheiro, sem labor, ha quem ofereça os beijos da propria mulher. Rasteja-se, gatinha-se na lama. No momento em que lá fóra, os humanos parecem sentir os cotos das azas a crescer, para se tornarem semideuses, entre nós as pernas flacidam e focinha-se suinamente nos esterquilinios.

Isto é assim. Não exagéro; não retoriso.

Á força de analisar e sofrer neste país, onde a moral se sóme, como um sacco de chumbo num pégo fundo, encontrei muitissima gente desvairada pelo ganho e vendendo tudo para o obter, fazendo da vida um mercado e perdendo as qualidades ancestrais que eram o desprezo pela existencia, ante a salvação da dignidade.

Nunca imaginei, porem, que a epidemia tivesse alcançado os novos, os moços, que um enervamento os tomasse ou um desinteresse pela be-

leza, pela graça, pelo ardor e pelo holocausto á propria qualidade de jovens, existisse, a ponto de não se saber quando eles passam, se são rapazes se automatos, seres de egoismo ou com maquinismos tão modernos em seus ventres, que parecem gente no aspecto mas não são mais do que bem feitos bonecos, vestidinhos a capricho, e penteadinhos á moda. Eu já desconfiara do dessoramento da mocidade, ante a composição dos que a usufruem. Tem-se a impressão de que não se agitam para não se entornarem e que os cabelos, outrora flutuantes em nossas cabeças, lembrando guedelhas merovingias no arranco formidavel duma eterna batalha, e agora tão acamados a cosmetico nos coiros cabeludos dos senhoris mancebos, constituem o distanciamento da moral e da vida de duas gerações. Os nossos eram signas ao vento da rebelião, á rajada da justiça: os deles são tranquilos como retrozes em balcões capelistas, só mexidos quando as mãos femininas ou a dos caixeiros sobre eles se passeiam.

Mas — meu querido Carlos — eu queria ainda duvidar, enganar-me, porque ha muito não oiço um grito forte e juvenil, acordando os ecos desta necropole, a não serem os dos filhos da rua, dos operarios e humildes, clamando contra as injustiças, prégando seus crédos, enrouquecendo na defesa dos seus chefes, dos seus irmãos, dos seus iguais como se fossem arautos do futuro, na estrada larga que a ele conduz. Os outros — a mocidade das escolas — é calma. Só vibra duas vezes por ano — ao que julgo —: nas recitas dos cursos e nas suas touradas de Algés. Até ás suas tunas falta a alegria antiga que era feita de atrevimento e de belesa de alma, porque, quando se praticava o mal, logo se corria a remediá-lo.

Já não ha anedotas de estudantes, cantigas de estudantes, boemias de estudantes. Sofre-se o impressivo choque ao vê-los, em suas andadas, pensa-se que vão todos para as repartições envergar suas mangas de alpaca. E' uma tristeza. Já nem se ouve falar numa desordem escolar mas isso seria o menos se, compostinhos, graves, prefurando a sciencia, com seus quevedos colossais, num instante de pisa a seus brios ou a seus sentimentos, corressem a desafrontá-los.

Tu ías fazer a *Exhortação à Mocidade*, ías albergar-te na sua solidiedade, ías ser o hospede da Coimbra de tradições generosas, tu — grande da republica das letras — ías até ao que julgavas os teus ouvintes, a essa mocidade que te admira e literateja, que produz anualmente — falo no sentido do tempo — milhares de livros de versos e da qual esperavas ao menos, a atenção dum cumprimento.

Mas as bombas rebentam, escavacam duas portas; são a voz da rua futrica, desordeira e cobarde — sim, cobarde porque só bate e provoca em bandos — a avisar-te de sua vontade, de seu desejo, de sua ordem para te retirares. E a academia, à qual ías falar em seus deveres,

à qual ías dirigir-te numa, decerto formosíssima oração, nem sequer esboçou um vago protesto, um platonico movimento. Como se estivesse enterrada no soturno subsolo desta sociedade, que se desnivelou, não deu sinal de si. Eu imagino ainda, quero imagina-lo pelo menos, que estavam auzentes os rapazes; que tinham ido para além Mondego numa tunantada monstruosa, rebolar-se na relva, atochar-se de peixe de escabeche e de verdasco, numa tertulia monstra, numa borracheira épica, numa saturnal de envergonhar faunos e quando regressaram nem deram pelo desacato feito ao grande escritor que deviam defender desde que se lhes dirigira. Sim, Carlos, antes imaginá-los como os pinto, perdidinhos de patuscada, do que julga-los contaminados à guisa dos homens já feitos. Antes estejam conservados em alcool do que nas caixinhas com algodão em rama dos conservadores polvilhados da canfora desafrodisiaca sob a tampinha resguardadora.

# Se a republica pagasse o que lhe deve...

Um revolucionario autentico — O serralheiro José Nunes e os seus actos — Singularidades duma organização — Os homens de hontem e de hoje — Um obreiro da revolução

Recorto dum jornal o seguinte trecho:

«TRAGICO PASSEIO DE AUTOMOVEL — José Nunes, faz saber a todas as pessoas, que o julgarem digno da sua presença, que na enfermaria N. A., cama 8, do Hospital de Santa Marta, se encontra em tratamento, desde 8 do corrente. Antecipadamente agradece o prazer da visita, a quem o julgue digno desse acto.»

Este José Nunes, que no cati e hospitalar implora a visita dos conhecidos, é uma singular figura dos movimentos republicanos. E' o auctor da *Bomba Explosiva*; é o auctor do *Para quê*, e se este homem quizesse ser o auctor de mais algumas paginas sinceras ganharia um renome singular, retumbante que encheria o país. Não é que no cerebro de Nunes — modesto serralheiro em sua mocidade, hoje empregado municipal — se choquem idéas de genio. Não. O mais que pode cachoar, hoje em sua cabeça, é alguma coisa de negro e de perturbador ante a inutilidade duma vida dedicada ás tentativas mais ousadas e mais extranhas para tornar possivel este regimen desorganizador da nação. Se ele quizesse publicar as paginas que escreveu de suas memorias se não as guardasse apenas para si e para alguns amigos, que luz formidavel não se faria na historia da implantação da republica?! Esse homem, porem, conserva-as e nem mesmo as faz constituir uma boa herança a deixar aos seus, oculta-as como uma recordação dum facto que talvez ecôe na sua alma enferma duma maneira triste.

Pouca gente, nos meios literarios, conhece as obras deste escritor da revolta e no entanto, na rudeza de seus dizeres de proletario, nas entrelinhas de suas composições, advinham-se mundos lóbregos como

antes da terra ter claridade se envolvia na nebulosidade espessa. Para além do que ele apontou ha coisas terriveis. Se ele soubesse descrever que singulares lampejos nos daria a golpear esta treva de grandes factos historicos! Porem não dirà jamais em publico aquilo que o sufoca e o martirisa.

Foi um homem energico, sêco, nervoso, todo de impeto, dominado por uma rara sensibilidade; foi um audacioso e um crente na redenção de uma patria, embora para a salvar fosse preciso praticar cousas terriveis. Hoje é um enfermo caído no seu leito, doente, e esmagado moralmente, depois daquele tragico passeio de automovel a que se refere e do qual regressou ferido, vítima dum choque intenso que lhe transtornou sua antiga compleição.

Jamais este anarquista — porque como tal actuou em seus grandes e tenebrosos trabalhos — imaginou que seria dentro do regimen o qual anto lhe deve — que pode dizer-se lhe deve tanto como a alguns já mortos e de recordação perene nas almas sectarias — um perseguido e um escorraçado.

Julgo que esse revolucionario perigoso nunca pretendeu vender a sua valorisação na hora dos conciliabulos secretos com altas personagens do actual regimen. Serralheiro era, serralheiro ficou e jamais a sua lima deixou de ranger para ganhar o pão dos seus até que, mercê de seu fino e sua energia, o tornaram administrador de um mercado. E vejo-o, então, a querer aplicar as suas teorias, senhor do mando daquele povo — o peor de dominar — a desejar impor-lhe justiça. Governar um mercado onde se acoitam centenas de egoismos, onde os exploradores da população se anicham, como numa cilada hedionda, se agacham como tigres prestes a lançar-se sobre as rezes — a freguesia —, dirigir um campo onde cada um deseja roubar o outro, e querer honestidade nos processos, é o mesmo que nesta sociedade, cliente daquela praça, bradar aos negociantes que ganhem menos, aos dominadores que deixem seus gosos, aos negociantes gananciosos que sejam, senão prodigos para com os humildes, ao menos mais cautos ao desempela-los em vida no escorchamento de seu lucro.

Pois foi o que esse revolucionario sombrio — mais do que se julga cumplice de enormes aventuras — imaginou conseguir logo que lhe entregaram o mando da população habituada a repartir à larga dos rcubos feitos ao publico com os funcionarios de sua vigilancia.

Fê-lo. Emquanto Sidonio Pais — a cujos ministros deveu o logar — governou, foi temido e dominou as explorações.

Mas depois — que fatalidade tão extranha e bem mais que aos profanos dos bastidores da historia deste tempo parece! — um tiro, liquidando o presidente, desbaratou, tambem, o mando do revoltado de hontem transformado num organisador pacifico.

E José Nunes—rebelde que mergulhara em todas as conjuras na esperança de melhores dias—devia compreender, nesse instante, que o destino é um terrível conspirador também e que quasi nunca as balas despejadas sobre um Chefe de Estado trazem a felicidade ao país onde ele é abatido.

Daí por diante andou mergulhado em sindicancias; os desordeiros mandavam, e embora se reconhecesse sem instintos de bem querer servir a população contra os vendedores ladrões, foram-no afastando. Num castigo, que era o maior dos louvores, chamavam «excesso de zelo» aos actos praticados em sua gerencia.

Puniam-no aqueles que nem sabiam sequer qual a sua acção no subsolo deste meandro tenebroso de que explodiu a republica. Sim, porque este regimen, tal como se vê, parece ter nascido duma carga de dinamite abaladora dos costumes, da dignidade, da justiça, derrocadora do antigo bem estar, da velha tranquillidade. E ele, que com uma palavra podia mostrar a sua acção, desafrontar-se, procurar seus antigos cum-plices, alçados a corifeus, calou-se; andou por aí até que foi ter áquele leito para cuja roda convoca os conhecidos.

Seja como fôr apreciado esse homem não se lhe pode negar a sua qualidade de figura historica da vida republicana e tanto mais que os dominantes de hoje lhe devem mais as suas posições aos seus actos publicos secretos ou desconhecidos que propriamente aos dos outros que tanto se celebram.

Quando ele quizer falar talvez que uma luz nova chapeje o prologo revolucionario. Cala-se e sofre enfermo, o apeado por umas balas assassinas no peito dum presidente da republica gerada com outras balas desfechadas na nuca dum rei.

A republica não sabe quanto deve ao doente da enfermaria N. A. instalado na cama n.º 8 do hospital de Santa Marta?

## O “espírito” republicano e seus usufrutuários

Palavras de José Falcão — O que é o “espírito republicano,” — Os adherentes ao tacho — Os paladinos e os devoristas — A associação dos interesses

De quando em quando um velho republicano vem à praça soltar as suas queixas. Suas palavras são cortadas por soluços, teem tratos doloridos. Como o mundo se consubstanciasse na sua politica carapem e e lamentosamente apontam a viela para onde ela se meteu, em chagados padecimentos de inconfessaveis origens, e arvoram num desejo enorme de não a verem apodrecer à vista do publico.

Desta vez não se trata duma queixa, está-se quasi em presença de uma arremetida do propagandista da idea sr. Fernão Boto Machado, contra os desgostos que a perfida lhe dá. Pelo menos assim o dizem as gazetas:

*«Analizou depois a obra da Republica, salientando que ele não afirmava, como tantos outros: «Esta não é a República que eu sonhei!» Ele, orador, poderia ter sonhado, para si, uma Republica ideal à Plátão, com o que ninguem teria nada. Não; ele, que fez parte da propaganda republicana de outros tempos, ele, que acompanhou os maiores caudilhos como Magalhães Lima, prometendo ao povo uma era de paz, conforto e abundancia, sentia-se coberto de vergonha, porque a maioria dessas promessas não tinham sido cumpridas e ainda porque se estava insistindo nos condenaveis processos da monarquia».*

Uma vergonha enorme veste o antigo republicano o que ainda é uma vantagem neste tempo de fatos carissimos. Coberto pelo seu trajo de vergonha o paladino increpa e como não quer mostrar o seu crédo na nudez

chaguenta e horripilante apresenta-o transviado seguindo «condenaveis processos da monarchia».

Tranquilamente vamos desenvolver as razões que nos acodem ante a frase que lembra a da mãe duma perdida a comparar a filha com uma vizinha que concedeu apenas alguns beijos antes do casamento.

Ha trinta e três anos o dr. Antonio José de Almeida — é ele que o confessa pois eu não tinha nesse tempo idade para aventuras alem do jogo da pedra e correlativos — visitava, de noite, o grande vulto do sonho republicano doutor José Falcão, que morava na rua da Trindade, 14, em Coimbra.

Sentado na sua poltrona, a perna traçada, fumando o seu cigarro, o professor analisava a situação politica a proposito dum manifesto que se fa redigir e cujo fim era reconduzir à vida politica o aborrecido e cansado Rodrigues de Freitas.

Varios entusiastas cercavam o vulto do democrata discutindo e barafustando em torno das palavras a empregar. Uns queriam apenas que se falasse de Liberdade; outros que se evocasse a Republica, cujas silabas eram para meter medo e causar arrepios naquele ano tão distante.

Queria pactuar-se; deseja-se atrair o publico com maneiras brandas e havia quem proferisse os meios termos ao vocabulo retumbante, rijo, franco no qual ia todo o pensamento dos que o amavam. Republica! Sim! Devia escrever-se claramente a palavra. Era esta a opinião do homem superior, inteligente e sincero que via os outros a pactuar e acabava a impôr, como um dogma, a seguinte frase tão digna e tão verdadeira, frase de quem não queria ludibriar mas de quem desejava salvar a nação dum regimen para ela incompreensivel. «Não pode fazer-se a Republica sem um grande espirito republicano», disse José Falcão.

A Republica fez-se e ele não existe; o que nos desgoverna é uma anarquica e balburdante chorea de energumenos insaciaveis tratando o regimen como dum bolo a devorar. Em volta deles uiva uma matilha que já viu engordar outros rafeiros e se agitara ou se encolhera, ladra ou lambe as mãos conforme lhe acenam com os ossos.

«Não pode fazer-se a Republica sem um grande espirito republicano».

E pergunto, a mim proprio, se acaso esse espirito existiu alguma vez fóra dos cerebros e das almas dumas duas ou três duzias de homens inteligentes que ao verem a Europa a destruir tronos quizeram imita-la nesta terra a qual, depois de ter descoberto outros mundos, parece não ter bem definido logar dentro deste? Juntem-se a esses idealistas alguns homens do povo alucinados por um sentimento ancestral e sebastianico de que a republica seria a reincarnação do Messias, já falhada em D. João IV, em Pombal, apesar de se chamar Sebastião José, na revolução de 1820, em D. Miguel, e em D. Pedro, falindo sempre e sempre a querer reacender-se por um fatalismo de tradição, de esperança e de so-

nho; juntem-se esses bisarros sonhadores aos outros e aí estará a matéria prima do crêdo na sua expressão de sinceridade.

Os aliciados, a multidão que surgia, apenas seguia uma moda e uma modalidade. Desejava — como neta de aventureiros, de descobridores — alguma cousa de novo que gosar ou sofrer. A turba era assim; os que se aproximavam para a conduzir — afóra os visionarios — não passavam de individuos roídos pelo cancro da ambição. Queriam os logares dos que dentro da monarquia governavam um pouco ronceiramente mas sem deixarem desenfrear os cavalos do carro estadual.

O espirito republicano — de que falava José Falcão — devia ser o de sacrificio. Os homens de tal espirito, em vez de se julgarem aptos para tudo, sem terem feito as suas aprendizagens, seus treinos e seus estudos, limitar-se-iam ao exercicio de cargos para os quais os fadasse a modestia de seus recursos, deixariam nas direções, nas supremacias tecnicas aqueles que melhor podessem ocupa-las e, em vez de apregoarem os seus serviços de fidelidade à idea para obterem uma direção geral antes deviam ensaiar-se para o que fosse consentaneo com seus reais valores.

Não sucedeu assim. Entraram de roldão, os primeiros, na governança atropelando-se uns aos outros. Sentiu-se o ruído de mastigação de que falou o Basilio Teles — esse escritor de largo e grande e tolerante espirito republicano — metido na sua casa de semi-mendigo. Compreendeu-se, num instante, que não era necessario ser-se republicano, bastava dizer-se que pela republica se morria de amores, arranjar a filiação num centro onde outros, de menos categoria mas de eguais sentimentos, se disputavam a dar tiros nos contrarios para se poder chegar ás culminancias do mando. E assim sem fé, sem amor, sem outros intuitos alem dos egoistas, se alçapremaram os dirigentes do regimen. José Falcão pedia «espirito republicano», eles trouxeram-no mas metido no frasco das suas conveniencias.

Sabia-se perfeitamente que uns tinham deixado na vespera as irmandades pela Maçonaria e outros os centros monarchicos e as intimidades dos próceres realistas pela filiação nos gremios republicanos e pelos entendimentos com os recémchegados ao mando e aceitaram-nos, e entregaram-se-lhes.

E sabem porquê? Porque mesmo a maioria dos que se diziam republicanos não tinha esse desinteressado espirito que os idealistas imaginavam. Foi a republica a mesa posta; os devoristas acorreram. Eu vi um monarchico — que o era enquanto a monarquia o sustentou — a chorar quando veiu a republica. Tinha uma promoção em vista e o novo regimen cortava-lhe cerce a sua esperanza. Eu vi um republicano a clamar contra os monarchicos ricos que faziam — dizia ele — negocios enormes e que se deviam meter na ordem mesmo a dinamite. Aquele já foi minis-

tro da republica quatro vezes quando apenas ambicionava um logar de chefe de repartição no velho sistema; este é socio de um realista e acha um crime digno de guilhotina a bomba atirada contra os opulentos.

Mas eu vi mais, eu vi tantas provas em contrario do «espírito republicano» que o Mestre, o Patriarca da Idea, preconisava que sinto, hoje, o nojo, o desprezo, a repugnancia por quem assim tem procedido. Disse-o uma vez ao soldado digno da republica, a Machado Santos: Veem-me tanta nauzea ante quem se dizia republicano e se associou aos transfugas ávidos de comida orçamental como destes que apenas vejo como bestas de aluguer. Será abrupta a frase, terá a rudeza que me caracteritisa ao tratar destas cousas mas por isso a acho bem. O que não tolero é ouvir as queixas maguadas ou as imprecações dos categorisados velhos republicanos os quais na hora da sua vitoria não tiveram o espirito do seu idealismo mas a pratica maneira de trocar por logares rendosos, para os quais a maioria não tinha capacidade, os seus anos da tarimba e de fidelidade a um principio. Até a gente imagina que eles jogavam na republica, com a persistencia e teima ferrada, com que uns certos individuos usam na compra dum determinado numero da loteria na esperanza de que qualquer dia saia premiado.

Dirigidos e servidos por semelhante pessoal que deixou as suas tripeças ou as suas merciarías para nos governar, só podem viver de bem com o regimen aqueles que ele sustenta e os quais abdicam de fazer uma patria para não terem outras preocupações alem de fazerem o seu asilo.

## A Crise fatal dos Jurados

Os bastidores do júri — A falsidade dos juízos humanos — Quem tem o direito de julgar? — A sociedade e os seus delegados — O júri precisa de enxertia

Queixam-se os juizes da desapareição dos jurados. Os presos, cujas audiencias são adiadas — em razão de tais ausencias de seus julgadores — desesperam-se. Debalde se ameaça com a lei os membros da já secular instituição do júri. Continuam a faltar.

Os jornais falaram numa grève dos cidadãos indicados para esse fim; já a opinião publica — que, como se sabe, tem sacudimentos de arvore batida por um vendaval — os verberam e os desculpam, no intervalo de horas, e os graves cavalheiros nem por isso se apressam a tomar os seus logares.

Razões várias se apontam para explicar a carencia de quem exerça tais funções; fala-se no medo de ser alvo de vinganças e na indignação pela perda de tempo numã missão desinteressante. Ninguém atinou com o verdadeiro motivo que, no entanto, tem a explicação facil de todas as cousas simples.

É que o júri é uma instituição que data do periodo da revolução francesa e, por consequência, vai falindo, como tudo quanto dêssa data veiu ante o dealbar duma vida nascente, e por isso tão dolorosa para a sociedade que a dá à luz.

O burguês instalou-se no mando do mundo, na mentira da egualdade e das outras palavras retumbantes, baniiu o nobre e o primeiro uso que fez das suas prerrogativas foi o de se instalar nos seus palacios e de lhes usurpar seus direitos. Em nome daqueles crêdos tornou-se grande personagem e, assim como era membro na guarda nacional, do mesmo modo se sentiu capaz de julgar o seu semelhante caído nas malhas do codigo. O uso inicial da função do júri aparece logo numa arbitrariedade. Mal se examinava o delito, condenava-se por colera, por interesse, por medo, por autentico rancor.

Não pode esquecer mais essa pagina dum singelismo tão horrivel, na expressiva maneira de Anatole, dos *Dieux ont soif*, quando o pintor Gamelin, torturado de amor, excitado por zelos doidos pela sua mentirosa amante — que se dizia deshonrada por um nobre — se pôs pronto a atirar para o cadafalso o primeiro inocente que lhe pareceu, embora por vagos palpites, o possível sedutor da histerica, da gosadora.

A primeira função do júri foi servir o Terror, dar-lhe a sua sanção, a sua benção, cobrir a infamia na capa da legalidade.

Depois não mudou muito. O jurado tem sempre uma situação social e um pensamento a dominá-lo enquanto decorre a audiência: o do seu interesse, o do seu negocio, o do seu prazer ou o do seu aborrecimento. O comerciante faz os seus calculos, o medico deixa voar a imaginação para os seus casos curiosos, o capitalista imagina quanto não seria mais util estar a jogar na Bolsa e os que não tem os grandes encargos de seus afazeres, de seus rendimentos, de seus golpes de fortuna a tentar, nem sempre estão dispostos para apreciar, em boa atenção, casos que os desinteressam absolutamente. Depois ha que contar com os nervos, com as más digestões, com a troca das suas horas de almoço, com o calor, com o frio, com a sêde ou com os calos dos improvisados julgadores. Tudo isto inflúi na situação do reu. Um sentido drama de lagrimas tem, por vezes, o condão de irritar felizes e os jurados gosam no meio social, pelo menos das venturas de quem possui um rendimento certo, de quem sabe que, ao sair do tribunal, não lhe faltará a sopa, no seu prato nem a almofada em seu leito. Gente assim não compreende as tragedias, não profunda as almas, não sabe descer até ao âmago dos criminosos, que, algumas vezes, não são mais do que autenticos agentes de correção da sua justiça, dos antiquados codigos trabalhados por quem de cousa alguma carecia, por velhos, quasi sempre, isentos de paixão, impotentes para o amor e para a luta e com meios pecuniarios para saturação de suas gulas.

Pois, pergunte-se se, em boa verdade, haverá algum rico negociante, dos que se apeiam de seus automoveis à porta da Boa Hora, possuidor de receptividade analisadora suliciente para apreciar a alma dum maldito da sorte que assassinou numa hora em que tudo lhe faltava, ante um gesto que o repeliu, o atirou para os acasos da sua sina? Não quero exemplificar o crime; pretendo pôr em scena a desdita mascarada de criminalidades. O caixeiro que rouba o patrão é, por via de regra, condenado, e, no entanto, foi, muitas vezes, no contacto dum representante daquela classe que ele aprendeu a cupidês. Um suicida falhado, um infeliz, que seja salvo por um medico e de novo atirado para o tormento de viver, acaso deve agradecer ao clinico aquilo o que este julgou ser uma salvação e não foi mais do que um novo pesadêlo para o desditoso? Não; deve até increpá-lo pelo acto de o restituir à vida desde que não lhe pode dar a felicidade. Haverá algum jurado capaz de compreender o desventurado ateu a desforçar-se de quem, julgando fazer-lhe bem, para o horror o rearremessou? Nenhum, porque a psicologia do julgador de acaso, da consciencia normal em função, jámais pode atingir o complicado duma alma atormentada, duma impulsividade ou dum produto da intelligencia exacerbada que às vezes é loucura, ou genio a saltar as fronteiras do comesinho até e do superior.

O sorteado para o júri toma, sem querer, em linha de conta o cuidado da sua merciaria ou a dôr do seu olho de perdiz, atormentado pelas botas de polimento, para contrapesar sobre o delito, terá a sua azia ou a sua infelicidade conjugal a movê-lo ou, então, cousas mais banais ainda: uma necessidade a satisfazer ou uma mosca que lhe pousa na cabeça, impertinente, atrevida, a enervá-lo. E a tragedia das almas, e os gritos de agonia, soltos no momento do acto horrivel, numa rua ou numa sala, a punhalada que se vibrou, o tiro, a bomba — agora tanto em lóco —

diluem-se ou agravam-se, avultam ou esmorecem conforme as lulas do almoço ou o raio da ventoinha do tribunal fazem arrotar ou dão goso ao julgador.

Julgar é uma tarefa divina. Para exercer essa função é necessario ser-se puro ou, então, porque se segue uma carreira, na qual se é impoluto, a de magistrado, saber pesar bem na consciencia, aquilo que aparece como um crime e às vezes não o é. De resto, essa qualificação muda conforme as sociedades, mesmo no requinte das civilizações. Em Roma, um pai tinha o direito de matar os filhos. Ninguém lhe pedia contas; era o juiz e o executor. Não deixava, por isso, de ser um cidadão respeitavel. Um jurado de hoje condená-lo-hia implacavelmente como absolveria um banqueiro que tivesse levado à miseria milhares de pessoas. O acto do pai seria um repugnante crime para esta consciencia, o do argentario, apenas uma operação fechada.

A situação dos cidadãos jurados é, quasi sempre, a destes raciocinios.

Depois, ha ainda alguma cousa peor que tudo isto, a actuar na sua missão, sobretudo nesta sociedade portuguesa: o empenho.

Não temos pejo de escrever a um amigo, solicitando-lhe que vergue a consciencia para salvar um ladrão, um falsificador, um agiota que prevaricou, garantindo-lhe que, amanhã, quando chegar a nossa vez de tomarmos logar no «sagrado banco» lhe corresponderemos do mesmo modo em relação a algum tunante, patife ou malandrim, pelo qual tenha interesse.

Dêste modo, a grandesa do júri — se a teve — está prejudicada. É uma instituição nascida no tempo do Terror, para, sob a sua acção, julgar mentindo, mas gritando, muito fortemente, a palavra Justiça, a fim de calar a voz da razão que assistia aos inocentes. Vai a definhar-se pelo desinteresse dos netos dos cidadãos e que, chamados a exercer esse direito, o reputam simplesmente uma massada.

É que, se imaginassem o contrario, não pensariam senão no seu tribunal, jámais deixariam de ali comparecer; os jornais não contariam suas faltas e não se interrogariam àcerca dos motivos delas. É por medo dos amigos, cúmplices ou socios dos que condenam? É por sentirem mal empregado o tempo dispendido em tal tarefa, quando lhes podia servir para o amanhã de seus negocios? Deve ser, simplesmente, porque não vêem motivo poderoso que os leve a sacrificar aos criminosos o tempo devido ao trafico, ao passeio, ao amor ou ao sono, pois na audiencia apenas é possível a meia quebreira e a maioria não se despeja de a gosar, enquanto um reu se alucina no desespêro de sua sorte.

Como todas as instituições do romantismo, que tambem mascarava infamias, o júri faz a sua bancarrota porque não teve em si a enxertia propria dos tempos que vão correndo, a qual não levantará as consciencias, não espevitará os entendimentos, não dará aos mercantes cidadãos a profundesa de analyse das almas, mas ao menos levá-las-ha a adornar as audiencias com suas figuras conspicuas e severas. Paguem-lhes e tê-los-hão, mas paguem bem, porque, de contrario, os júris começarão a ser apenas compostos de pobretanas, cuja indumentaria destruiria o aprumo e a solenidade da justiça.

## O reбуçado « Justus »

Os pseudonimos e as mascaras — O combate  
leal e a emboscada — Como deve ser a acção  
de um jornal do nosso tempo — O critico e a  
sua corõa — Um troco em moeda forte

O *Correio da Noite*, é um jornal monarchico, no qual o meu velho amigo José Duarte Costa, empregou toda a sua boa vontade de combatente e todos os seus recursos monetarios para servir com a pena a Causa que já varias vezes, de armas na mão, defendeu. O periodico é esta essencia de um grande esforço e de uma grande dedicação; é o producto de uma soma de boas vontades e de enormes sacrificios. Tem denodo; tem fé. Quando me falaram em cõlaborar com os fundadores assenti, estive mesmo para acabar este panfleto e ir, diariamente, marcar nas paginas do jornal a minha analyse dos factos e dos homens. A unica condição era a de não se intitular *Correio da Noite* a folha onde eu poderia, por vezes, referir-me, com justiça, ou com desfavor, aos erros do chefe do partido progressista, do qual era orgão a gasetta cujo nome agora foi adaptado. Desejava, ainda, alguma coisa de mais vivo, de mais intenso, de mais moderno, ambicionava um titulo que fosse uma voz rebelde, plebeia, porque a propaganda a fazer, actualmente, não é entre as classes medias, burguesas, ou aristocraticas. Um berro firmemente se deve fazer ouvir, retinido e rijo, aos ouvidos do povo, a vêr se o acordamos dessa soneira madraça de negroide deitado á sombra de sua bananeira — ele, o homem — enquanto os macacos fazem fortuna e se esvasiam dos cucurutos das arvores sobre sua fronte ralaceira.

Não colaborei, pois, no *Correio da Noite* e já agora se tornará difficil ali escrever um artigo, pois teria de emparceirar com um dos seus colaboradores, o qual julgava apenas incidental mas que ali, permanentemente, vai botando sua prosa, embora escrevendo-a, quasi sempre, em verso.

Mas eu deixaria em paz a harmõnia do homem se não tivesse topado uma insinuação atrevidota entalada num artigo, em que, fingindo combater [os republicanos, tentava anavalhar alguns monarchicos, em que, fingindo defender a obra do conselheiro João Franco, babuja alguns franquistas. Usa um pseudonimo esse plumitivo de baixa extracção. Encapotou-se num disfarce, embiocou-se, disse-se *Justus*, como o Jaime José Ribeiro de Carvalho — o grafomano da Ajuda — chamava colega ao Her-

culano e safu-se com esta afirmação que eu desejaria vêr provada se alguma vez, fóra do romance historico, eu tratasse com embuçados, a não ser à vara larga.

«Tudo, tudo, absolutamente tudo, que se tem escripto ácerca da ultima parte do reinado do Senhor D. Carlos I e do seu chefe de governo, carece tanto de fundamento, como as *intimidades de varios penicularios com as grandes figuras d'então*. Tudo é «historia pour épater le bourgeois», para se darem ares de andar no segredo dos deuses... Ha-de fazer-se a Historia, mas é ainda cedo.»

As pessoas que escreveram sobre este periodo fôram, primeiro, Alvaro Pinheiro Chagas, Joaquim Leitão e, depois, eu. Somos todos amigos do sr. conselheiro João Franco e seus admiradores, o que não nos impediu nunca de narrarmos os acontecimentos como os vimos quando as nossas almas se rasgavam no combate por uma monarquia salvadora, a de então.

Não sei o que eles julgarão das afirmações de *Justus*. Por mim, penso o seguinte. Se a afirmação fosse feita num jornal republicano seria preciso inventariar *Justus*, a sua indumentaria e miolos. Assim, deixando-o no seu dominó, careço de lhe dizer algumas verdades. Primeiro, porque se as calasse ficaria de mal comigo, segundo, seria excepção em meus habitos o roçar-me uma piada, embora réles, ou uma pedrada, embora de garoto, às quais eu não respondesse em tom mais alto e com correctivo maior.

De tudo quanto a baba critica escorreu é a parte sublinhada, a unica que me interessa. O resto mostra-se com documentos, sim senhor, com papeis, com tão autenticos e leais provas quanto é espesso o capuz de *Justus*. A resposta é, pois, apenas a esse ponto.

Se me alcunha de peniculario devo dizer-lhe que a primeira vez que levanto um tal vaso é agora, porque peguei em sua prosa, embora o fizesse para lho emborcar na cabeça à laia de merecida corôa, pois que em *Justus* ha letras para formarem a palavra *sujus*, conforme a variavel moderna ortografia, ficando ainda um *t* para remate do emblema na testa endiademada, daquele modo, do patusquinho. E perdi neste trôco meia hora! Adiante.